

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Departamento de Teoria Literária e Literatura

FERNANDA TATIELE CALDAS FERNANDES

O silêncio de Capitu e a recepção do leitor em *Dom Casmurro*

Brasília
2022

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Departamento de Teoria Literária e Literatura

O silêncio de Capitu e a recepção do leitor em *Dom Casmurro*

AUTORA: Fernanda Tatiele Caldas Fernandes
ORIENTADORA: Prof. Dr. Lia Duarte Mota

Brasília
2022

O silêncio de Capitu e a recepção do leitor em *Dom Casmurro*

Fernanda Tatiele Caldas Fernandes¹

Lia Duarte Mota²

Resumo

A obra *Dom Casmurro* retrata a história de uma família da burguesia carioca durante o século XIX, mais precisamente no ano de 1857, que vive na rua de Matacavalos. Como um dos principais autores do Realismo brasileiro, Machado de Assis traz uma obra rica em detalhes, que são narrados de forma unilateral, através da visão de mundo de Bento Santiago. Bentinho relata suas memórias, levantando questões a respeito da sociedade, da família, da amizade e do amor. O amor de Bento Santiago por Capitu vai sendo construído ao longo do romance e é por meio desse sentimento que o leitor passa a conhecer a relação que ele estabelece com a personagem. Somente pelo olhar do narrador, levado pelos costumes da época e pelas condutas sociais, temos acesso a essa personagem feminina. Dessa maneira, o presente artigo pretende demonstrar que o olhar comprometido do narrador e, conseqüentemente, o silenciamento de Capitu dentro da obra, faz com que o leitor desatento seja induzido a ter uma visão negativa da protagonista.

Palavras-chave: Realismo; Machado de Assis; Capitu; silenciamento.

Introdução

Antes de adentrarmos o livro *Dom Casmurro*, vale a pena ressaltarmos pontos importantes da vida e carreira de Machado de Assis que nos ajudam a entender a sua relevância para a literatura brasileira e a atemporalidade de sua obra. Machado ocupou o cargo de presidente da Academia Brasileira de Letras até o fim da sua vida. Além disso, por ser definido como um artista de ilimitadas

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Letras Português pela Universidade de Brasília. E-mail: fernandacaldaas@gmail.com.

² Doutora em Letras (Literatura, Cultura e Contemporaneidade) e pós-doutoranda na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, MG, Brasil. E-mail: lia.mota@unb.br.

possibilidades, percorreu algumas escolas literárias, como o Romantismo, o Naturalismo e o Realismo, de modo que é impossível encaixá-lo em apenas uma delas. Foi popularmente integrado ao grupo dos realistas com a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. A Machado, concede-se várias críticas sobre sua magnitude artística, como evidencia o crítico literário Antonio Candido: “sucessivas gerações de leitores e críticos brasileiros foram encontrando níveis diferentes em Machado de Assis, estimando-o por motivos diversos e vendo nele um grande escritor devido a qualidades por vezes contraditórias” (CANDIDO, 1995, p. 20). Para Antonio Candido, a obra machadiana é de grande maestria por ser “bastante ácida para dar impressão de ousadia, mas expressa de um modo elegante e comedido, que tranquilizava e fazia da sua leitura uma experiência agradável e sem maiores consequências” (CANDIDO, 1995, p. 22).

Por ser um artista consagrado da literatura brasileira, é fácil encontrar dissertações e teses sobre como sua arte foi importante para a construção da nossa literatura nacional. Com suas obras, conseguiu ser consagrado como um artista indispensável para a o cenário literário do país. José Veríssimo, em sua *História da Literatura Brasileira* (1915), faz uma crítica a Machado de Assis e a sua produção literária. Para Veríssimo, o que torna Machado um artista clássico, o único de nossa literatura, são suas qualidades de expressão, seus pensamentos, sua filosofia pessoal e as suas virtudes literárias (VERÍSSIMO, 1915, p. 170).

Machado não apenas fazia literatura, ele estava também refletindo sobre essa forma artística, de modo que escreveu uma série de críticas a respeito do cenário literário de seu período, a fim de opinar sobre a formação literária do país, como fica evidenciado em um dos seus textos críticos, “Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade” (1873), em que Machado de Assis elabora uma tese a respeito da tentativa de se criar uma tendência nacional, pois questiona a criação de uma literatura nacional, quando ainda lidávamos com muitos resquícios da literatura europeia:

Reconhecido o instinto de nacionalidade que se manifesta nas obras destes últimos tempos, conviria examinar se possuímos todas as condições e motivos históricos de uma nacionalidade literária, esta investigação (ponto de divergência entre literatos), além de superior às minhas forças, daria em resultado levar-me longe dos limites deste escrito. Meu principal objeto é atestar o fato atual; ora, o fato é o

instinto de que falei, o geral desejo de criar uma literatura mais interdependente. (MACHADO, 1873, p. 1)

Integrá-lo a uma escola literária é tarefa difícil e controversa. Como explica Jose Veríssimo:

a sua índole literária avessa a escolas, a sua singular personalidade, que lhe não consentiu jamais matricular-se em alguma, quase desde os seus princípios fizeram dele um escritor à parte, que tendo atravessado vários momentos e correntes literários, a nenhuma realmente aderiu senão mui parcialmente, guardando sempre a sua isenção. (VERÍSSIMO, 1915, p 165)

No entanto, no prólogo do livro *Dom Casmurro*, na edição Martin Claret (2010), Taís Gasparetti aponta que Machado de Assis inaugurou o Realismo no Brasil em 1881, sendo capaz de criar uma nova expressão para a literatura, com um tom mais científico, pois suas obras eram contempladas por análises psicológicas e críticas à sociedade, através de uma observação sobre a moral desses indivíduos. Já Gustavo Bernardo, em seu livro *O problema do realismo de Machado de Assis* (2011), faz uma crítica às tentativas de encaixe da obra machadiana em uma escola literária. Para Bernardo, o autor “não é, nem nunca foi um realista”, mas, ao contrário, escreveu contra o Realismo, fato este que não se deve negar, já que o próprio Machado, em seus ensaios críticos, escreveu contra essa nova manifestação literária.

Em seu ensaio “A Nova Geração”, no qual Machado faz um resumo a respeito da situação da literatura brasileira no século XIX, o autor elabora uma crítica ao novo momento em que se encontrava o cenário literário e, sobretudo, elabora uma crítica à nova tendência artística: “la-me esquecendo uma bandeira hasteada por alguns, o realismo, a mais frágil de todas, porque é a negação mesma do princípio da arte” (MACHADO DE ASSIS, 1979, p.6). Dessa maneira, apesar de Machado não se identificar com um escritor realista, suas obras literárias foram e são até hoje referências na literatura brasileira.

Se analisarmos a sua carreira como escritor, verificaremos que foi admirado e apoiado desde cedo e que, aos cinquenta anos, já era considerado o maior escritor do país, objeto de reverência e admiração gerais, que nenhum outro romancista ou poeta brasileiro conheceu em vida, antes e depois dele (CANDIDO, 1995, p.18).

Evidência disso é o fato de o autor ser conhecido mundialmente. Vários de seus livros se consagraram na literatura mundial, um deles é o notável

romance *Dom Casmurro*, publicado em 1899 que, apesar dos anos, não perdeu sua popularidade e importância para o cenário literário nacional e internacional. *Dom Casmurro* possui várias críticas e teses a respeito do seu conteúdo, da forma como foi escrita e das inúmeras especulações que foram geradas em torno do romance entre Bento Santiago e Capitu.

O livro trata da trajetória de Bento Santiago e faz um relato sobre histórias da sua vida, desde a infância na rua de Matacavalos até o momento em que se encontra ao iniciar a narração, no Engenho Novo. No primeiro capítulo, o narrador nos explica que foi apelidado como Dom Casmurro por um conhecido do seu bairro que, ao encontrá-lo no trem, percebe que Bento Santiago adormecera enquanto seu vizinho recitava uns versos, causando naquele conhecido grande desconforto. Para se defender da alcunha, Casmurro avisa o leitor: “Não consulte dicionários. *Casmurro* não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo” (MACHADO, 2010, p. 21). No entanto, ao longo do livro, vamos percebendo outras razões para ele ter recebido tal título.

O narrador, que desde o primeiro capítulo tenta se defender em relação a sua forte personalidade, faz seu relato de maneira intimista, de modo a fazer com que o leitor se sinta em uma conversa íntima. Em diversas passagens ele se dirige ao leitor como um amigo, de maneira a familiarizá-lo com aqueles acontecimentos, como é possível perceber nos trechos: “eu, leitor amigo, aceito toda a teoria do meu velho Marcolini” (MACHADO, 2010, p. 33), “caída para trás, inutilizava todos os meus esforços, porque eu já fazia esforços, leitor amigo” (MACHADO, 2010, p. 73), “por outro lado, leitor amigo, nota que eu queria desviar as suspeitas de cima de Capitu (...)” (MACHADO, 2010, p. 78).

Dessa maneira, tornando o leitor mais próximo de si, ele inicia o que chama de evocação de fatos, como é citado no capítulo “Do livro”: “Eia, comecemos a evocação por uma célebre tarde de novembro, que nunca me esqueceu” (MACHADO, 2010, p. 22). O narrador pretende descrever os fatos como uma forma de “atar as duas pontas da vida” (MACHADO, 2010, p. 22), desde a juventude até a fase adulta.

Italo Moriconi, em seu ensaio “Dom Casmurro: o claro enigma” (2008), cita a descrição da vida de Dom Casmurro como uma narrativa que busca se defender de algum erro que possa ter cometido. Segundo Moriconi, o enredo é uma espécie de: “narrativa autobiográfica, para preencher o vazio existencial e

aliviar a culpa deixada pela destruição de seu casamento. Tentativa de compreender e quiçá justificar sua própria vida, que vai chegando solitária à etapa crepuscular, quebrada pelo desenlace trágico de um enredo melodramático” (MORICONI, 2008, p 74-75).

Bentinho, como um bom advogado, é dotado de uma ótima oratória e utiliza-se desse artifício para fazer uma boa estruturação narrativa dos fatos, de modo que faz uso de “uma série de procedimentos discursivos que comprometem o efeito de realidade da sua verossimilhança” (OLIVEIRA, 2010, p. 231). É importante ressaltar que a:

narrativa não segue uma ordem linear, cronológica, e sim psicológica, ou seja, o mais importante – a alma da obra – não está propriamente nos fatos, mas na constituição psicológica e moral de seus personagens. (...) O próprio enredo é secundário em relação à análise do personagem. (GASPARETTI, 2010, p. 17)

Casmurro cria um capítulo para falar sobre cada indivíduo que passou por sua vida, como os capítulos V e XIII, intitulados “O agregado” e “Capitu”. Esta personagem entra na história quando tem sua amizade de infância denunciada por José Dias (o agregado) como uma possível paixão:

- Há algum tempo estou para lhe dizer isto, mas não me atrevia. Não me parece bonito que o nosso Bentinho ande metido nos cantos com a filha do *Tartaruga*, e esta é a dificuldade, porque se eles pegam de namoro, a senhora terá muito que lutar para separá-los.
- Não acho. Metidos nos cantos?
- É um modo de falar. Em segredinhos, sempre juntos. Bentinho quase não sai de lá. A pequena é desmiolada; o pai faz que não vê; tomara ele que as coisas corressem de maneira, que... Compreendo o seu gesto; a senhora não crê em tais cálculos, parece-lhe que todos têm a alma cândida... (MACHADO, 2010, p. 24)

Nesta análise, não julgaremos se a narrativa representa de fato os eventos como se deram na vida de Bento Santiago ou se seriam fruto da imaginação do narrador, mas colocaremos a nossa atenção na personagem Capitu, foco desse estudo. O artigo tem como objetivo analisar a estrutura do discurso construído por Dom Casmurro, de modo a demonstrar como ele promove uma imagem negativa de Capitu e como essa construção pode interferir na maneira como o leitor cria a personagem em seu imaginário.

Para isso, é importante demonstrar o silenciamento da personagem por meio de passagens da obra, analisar como a personagem é construída

unicamente a partir do ponto de vista do narrador e investigar como a forma com que os fatos são apresentados pode levar o leitor desatento a criar uma imagem distorcida de Capitu. Para auxiliar no levantamento dos fatos, tomaremos como referência análises críticas da obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, tais como “Esquema de Machado de Assis”, de Antonio Candido, e “Representações do Feminino em Dom Casmurro: O silêncio de Capitu”, de Linda Gualda.

O silêncio de Capitu

Capitu é uma das personagens mais enigmáticas da literatura brasileira. Ela carrega consigo a eterna dúvida literária: “Capitu traiu ou não traiu?”. Essa personagem, que já foi base para vários estudos sobre a demonstração da mulher dentro do romance, mostra-nos como essa narração acaba silenciando-a. Segundo Linda Gualda (2008): “Durante muito tempo, Capitu foi vista pelos críticos como o motivo da ruína emocional do narrador. Acusada de trair o marido com o melhor amigo dele e, pior, de enganá-lo com um filho ilegítimo, foi encarada como o protótipo da mulher devassa, sem caráter e impostora” (GUALDA, 2008, p. 3).

José Veríssimo, um importante crítico da obra de Machado de Assis, escreve sobre a personagem de forma negativa, o que pode nos indicar que o crítico se deixou ser convencido pelos argumentos do narrador, restando apenas declarar a culpa de Capitu:

Desde rapazinho se deixa iludir pela moça que ainda menina amara, que o enfeitiçara com a sua faceirice calculada, com a sua profunda ciência congênita de dissimulação, a quem ele se dera com todo ardor compatível com o seu temperamento pacato. Ela o enganara com o seu melhor amigo, também um velho amigo de infância, também um dissimulado, sem que ele jamais o percebesse ou desconfiasse. (VERÍSSIMO, 1915, p. 172)

A personagem Capitolina, em *Dom Casmurro*, é construída através do olhar de Bento Santiago, ou seja, todas as passagens sobre ela a que temos acesso durante a leitura dizem respeito à visão do narrador-personagem, é ele quem conduz a narrativa estabelecendo esse viés de dúvida em relação ao caráter dela.

Por muitos anos prevaleceu a teoria da traição de Capitu, até que a escritora Helen Caldwell, em meados dos anos 1960, escreveu um estudo sobre a possível interpretação de inocência de Capitu, intitulado *O Otelô brasileiro de Machado de Assis* (1960). Ela foi a primeira mulher a escrever sobre uma possível inocência da personagem na obra, atribuindo todas as acusações de Bentinho à imaginação dele.

Para analisar a personagem Capitu é importante ter em mente que ela foi criada na metade do século XIX, período em que a figura da mulher e a configuração da família eram totalmente diferentes da atualidade. A formação da sociedade brasileira acontecia com base na família patriarcal, que fazia um papel de instituição regularizadora e disciplinadora, como diz Ingrid Stein, em seu livro *Figuras Femininas em Machado de Assis* (1984). O papel que a mulher de classe média alta ocupava era de procriadora e cuidadora do lar, sendo a responsável pelos serviços domésticos de forma a ser subordinada ao homem dentro do matrimônio, enquanto ele construía a sua carreira e vida fora de casa.

Domício Proença (1998) foi outro estudioso que se debruçou sobre essa personagem enigmática. Contrapondo-se à obra machadiana, Proença escreveu um diário de Capitu, *Capitu – memórias póstumas*, obra na qual a personagem se defende de todas as acusações a respeito da sua fidelidade. Essa ficção é criada a fim de dar voz à personagem, baseando-se nas acusações que Bento Santiago fez a ela.

O narrador de *Dom Casmurro*, durante a construção do enredo, atentou-se para a descrição de cada personagem minuciosamente, dedicou capítulos a cada um deles, inclusive à sua mãe. Ao fazer a descrição da mãe, é possível notar a relevância de Dona Maria na vida do personagem e, mais do que isso, em sua percepção de mundo, de tal modo que ela direciona a forma como o narrador encara o papel da mulher na sociedade. D. Maria era uma mulher nova, viúva, que tinha por volta de 42 anos de idade e que, apesar da idade, seguia sendo fiel à memória do seu marido. Um exemplo de fidelidade e santidade dela está na passagem:

Minha mãe era boa criatura. Quando lhe morreu o marido, Pedro de Albuquerque Santiago, contava trinta e um anos de idade, e podia voltar para Itaguaí. Não quis; preferiu ficar perto da igreja em que meu pai fora sepultado. Vendeu a fazendola e os escravos, comprou alguns que pôs ao ganho ou alugou, uma dúzia de prédios, certo

número de apólices, e deixou-se estar na casa de Matacavalos, onde vivera os dois últimos anos de casada. (...) Vivia metida em um eterno vestido escuro, sem adornos, com um xale preto, dobrado em triângulo e abrochado ao peito por um camafeu. (MACHADO, 2010, p. 29)

A imagem dessa mulher cujas ações são inquestionáveis se contrapõe à visão que o narrador tem de Capitu, uma menina que desde a infância tem suas características físicas e personalidade colocadas à prova para demonstrar a sua falta de confiança. Em contraste com a descrição de sua mãe, que seria um exemplo de mulher, bela e fiel ao marido morto, Capitu é apresentada por meio de seus aspectos físicos, como uma forma de inferiorizar a beleza da jovem. Sobre as características físicas dela, ele afirma:

Não podia tirar os olhos daquela criatura de quatorze anos, alta, forte e cheia, apertada em um vestido de chita, meio desbotado. Os cabelos grossos, feitos em duas tranças, com as pontas atadas uma à outra, à moda do tempo, desciam-lhe pelas costas. Morena, olhos claros e grandes, nariz reto e comprido, tinha a boca fina e o queixo largo. As mãos, a despeito de alguns ofícios rudes, eram curadas com amor; não cheiravam a sabões finos nem águas de toucador, mas com água do poço e sabão comum trazia-as sem mácula. Calçava sapatos de duraque, rasos e velhos, a que ela mesma dera alguns pontos. (MACHADO, 2010, p. 38)

Pensando na construção da personalidade de Capitu, Bento demonstra como sua vizinha era uma jovem inteligente, de modo que essa qualidade possa ser usada contra ela em outros momentos da narrativa: “Era minuciosa e atenta” (MACHADO, 2010, p. 62), “Capitu era Capitu, isto é, uma criatura mui particular, mais mulher do que eu era homem” (MACHADO, 2010, p. 62), “era também mais curiosa. As curiosidades de Capitu dão para um capítulo” (MACHADO, 2010, p. 62).

O mesmo não pode ser visto na descrição que José Dias faz da personagem, que, ao denunciar o possível romance entre os jovens, declara sua insatisfação com as atitudes dela, “a pequena é uma desmiolada” (MACHADO, 2010, p. 24); “Capitu, apesar daqueles olhos que o diabo lhe deu... Você já reparou nos olhos dela? São assim de cigana oblíqua e dissimulada” (MACHADO, 2010, p. 53-54). E ainda no trecho: “Capitu refletia. A reflexão não era coisa rara nela, e conheciam-se ocasiões pelo apertado dos olhos” (MACHADO, 2010, p. 45).

Capitu, aos quatorze anos, tinha já ideias atrevidas, muito menos que outras que lhe vieram depois; mas eram só atrevidas em si, na prática faziam-se hábeis, sinuosas, surdas, e alcançavam o fim proposto, não de salto, mas aos saltinhos. (MACHADO, 2010, p. 46)

É difícil encontrar um momento em que Capitu tenha a sua voz exposta na história, o pouco que temos acesso a ela é através de passagens narradas por Bento. Algumas características da personagem devem ser ressaltadas como, por exemplo, o fato de ela ter por volta de 14 anos no início da história e ter estudado: “desde os 7 anos, aprendera a ler, escrever e contar, francês, doutrina e obras de agulha” (MACHADO, 2010, p 62).

Capitu se mostra como uma mulher forte e longe dos padrões que Bento considerava serem aceitáveis para uma esposa exemplar, acostumado que estava com a personalidade de sua mãe, que até em sua sepultura foi declarada como “*uma santa*”. Como defende Gualda:

Capitu fugia desse modelo de mulher e, justamente por isso, merece, então, ser expulsa de casa simplesmente por ser forte. Na verdade, a personagem paga caro por não se adequar a esse modelo misógino: expressa seus sentimentos e não se contenta com a reclusão do círculo familiar. (GUALDA, 2008, p 3)

É possível perceber na obra que a relação entre Bento Santiago e Capitolina se inicia durante a adolescência e se estende até a vida adulta. É ainda jovem que ele descobre que pode existir um sentimento para além da amizade em relação a ela: “Então eu amava Capitu, e Capitu a mim?” (MACHADO, 2010, p. 35). Porém, o sentimento de amizade e amor vai dando lugar aos ciúmes e à desconfiança.

O início da suspeita da possível traição se dá no enterro de seu amigo Escobar, quando o narrador percebe que “Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas” (MACHADO, 2010 p. 173), pois “os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva” (MACHADO, 2010, p. 176). A partir dessas passagens é possível observar que temos um narrador construindo uma relação de domínio, possibilitando à personagem apenas o dever de aceitar aquele relacionamento destinado a eles.

Ao declará-la culpada, ainda que não tenha provas para isso, o narrador coloca um fim ao relacionamento, “a separação é coisa decidida” (MACHADO, 2010, p. 191), e nos mostra que a sua convicção dos fatos é considerada a

verdade absoluta. Afinal, ele afirma em diferentes passagens: “haja ou não testemunhas alugadas, a minha era verdadeira: a própria natureza jurava por si, e eu não queria duvidar dela” (MACHADO, 2010, p. 190).

Segundo Gualda (2008), esse fim de Capitu acontece através da construção de um discurso que leva à composição de um possível adultério. A pesquisadora explica que “isolada na própria casa, desacreditada e acusada sem provas, o silêncio é a arma que escolhe para não se entregar às neuroses do marido e é a única possibilidade que o narrador lhe garante, a fim de não tirar a validade de sua teoria” (GUALDA, 2008, p. 138). Dessa maneira, para ele, a confirmação do ato se deu no silêncio da amada, que, ao ver sua fidelidade sendo questionada pelos ciúmes em relação a um defunto, prefere não entrar na discussão. Para ela, restou apenas o exílio, embarcando em um caminho sem volta rumo à Europa.

Portanto, ao ser declarado o fim do relacionamento de Bento Santiago com Capitolina, podemos notar que a personagem pouco tem acesso a momentos de defesa durante a obra, visto que a obra é narrada por um personagem que em vários momentos declara seus ciúmes por Capitu:

Continuei a tal ponto que o menor gesto me afligia, a mais ínfima palavra, uma insistência qualquer; muita vez só a indiferença bastava. Cheguei a ter ciúmes de tudo e de todos. Um vizinho, um par de valsa, qualquer homem, moço ou maduro, me enchia de terror ou desconfiança. É certo que Capitu gostava de ser vista, e o meio mais próprio a tal fim (disse-me uma senhora, um dia) é ver também, e não há ver sem mostrar que se vê. (MACHADO, 2010, p. 165)

Em síntese, é importante notar que o acesso à personagem Capitu durante toda a narração é limitado apenas à visão que o narrador apresenta sobre os fatos, podendo influenciar na percepção dos leitores a respeito da personalidade da personagem. O final dessa personagem, que é considerada um enigma para a literatura, é pouco comentado pelo narrador, que se demora apenas na explicação de pequenos detalhes, deixando claro que o relacionamento entre eles termina com a ida de Capitu para a Suíça. Dessa maneira, é possível observar que, apesar da grande influência da personagem na vida do narrador, ela teve o seu fim descrito em breves passagens que pouco evidenciaram os sentimentos dela.

Percepção do leitor sobre a imagem de Capitu

A recepção do leitor a uma obra se tornou alvo de estudos quando se percebeu que a importância da obra não estava apenas no processo de produção, mas também no efeito que ela causava no leitor. A Estética da Recepção é uma linha dos estudos literários que leva em consideração a participação do leitor para o entendimento de uma obra. Um destaque desse grupo foi Hans Robert Jauss (1921-1997) que elaborou o livro *A história da literatura como provocação à ciência da literatura* (1969), com a intenção de propor novos modos de se olhar para a literatura. Segundo Jauss, os estudos sobre a história da literatura já estavam ultrapassados, visto que não pensavam na recepção do leitor de acordo com suas experiências históricas. Em relação a essa abordagem, ele diz:

A história da literatura, em sua forma mais habitual, costuma esquivar-se do perigo de uma enumeração meramente cronológica dos fatos ordenando seu material segundo tendências gerais, “gêneros e outras categorias” para então, sob tais rubricas, abordar as obras individualmente, em sequência cronológica. A biografia dos autores e a apreciação do conjunto de sua obra surgem aí em passagens aleatórias e digressivas, à maneira de um elefante branco. (JAUSS, 1994, p. 6, apud, MORAIS E FERNANDES, 2012, p. 98)

Para Jauss, não existe relação entre o momento histórico ou quais as condições biográficas do nascimento de uma obra e a qualidade dela (JAUSS, 1994, p. 8). Ele considera que é importante se pensar na relação do leitor com a obra, analisando todo o contexto histórico e estético envolvido durante o processo de leitura.

Wolfgang Iser (1926-2007) também foi um autor que elaborou uma teoria sobre a recepção do leitor. Para ele, através da leitura de uma obra, o indivíduo formula suas próprias representações e expectativas. Iser defende que essa recepção não é apenas a relação do leitor com a obra, mas a interação dos dois. Segundo Iser, a ambientação do leitor com a obra deve causar uma sensação de desconforto, a fim de retirar o indivíduo da sua zona de conforto durante a leitura. Márcia Hávila, em seu ensaio “Estética da Recepção e Teoria do Efeito” (2011), elabora a seguinte descrição sobre a teoria de Iser:

A identificação entre leitor e texto ocorre a partir da interação entre ambos e surge como consequência do confronto do horizonte de expectativas do leitor e da obra. Durante a leitura, o leitor utiliza

estratégias de seleção por meio das quais confronta suas expectativas com as do texto. As estratégias são responsáveis pela organização do repertório, por meio das perspectivas do narrador, das personagens e do próprio enredo. (COSTA, 2011, p 9)

Esse ponto de vista é de grande importância para se entender o modo como uma leitura pode mudar suas significações ao longo do tempo e para se pensar em como o processo de recepção de uma obra literária não depende apenas de como o livro é produzido, mas envolve a relação leitor, obra e interpretação. Não levantaremos a fundo os aspectos internos dessas tendências, pois esse não é o objetivo do presente estudo, mas é importante ao menos pontuar essa questão já que a figura do leitor é parte essencial deste trabalho.

O leitor é um agente ativo no processo de leitura. Ao se debruçar sobre uma leitura, ele já chega carregado de experiências e traz inúmeros fatores externos para a obra, esses fatores são importantes para a interpretação, pois a visão de mundo do leitor pode influenciar na interpretação do que foi lido.

O leitor, como receptor da obra, transforma-se em um produtor de sentimentos. No caso do livro *Dom Casmurro*, há a possibilidade de várias interpretações, sendo a mais comum aquela que questiona se houve ou não infidelidade por parte de Capitu. Algumas leituras apontam com convicção que houve, outras defendem que tudo não passou de uma falha de comunicação. É considerável observar em qual momento a leitura do indivíduo que vai acusar Capitu se difere da leitura daquele que vai defendê-la.

Para levantar esse questionamento é válido compreender que o autor da obra se utilizou do recurso de um narrador onisciente para descrever os fatos ocorridos, sendo ele o único a contar a história. Dessa maneira, o leitor tende a se familiarizar com esse narrador, afinal, se ele conta a sua história, ele deve estar dizendo a verdade. Assim, o narrador consegue criar o cenário ideal para direcionar a opinião do leitor.

Ao analisar uma obra literária, temos que compreender que a primeira leitura não capta tudo o que ela tem a oferecer, já que é ainda um momento de ambientação do leitor com a obra. Assim, se o leitor faz uma rápida leitura, pode perder pontos importantes e não compreender de fato o que está explícito no texto. No caso de Bentinho, ele deixa explícito que foi traído por sua esposa e seu melhor amigo, mas é preciso analisar se os trechos em que ele evidencia

essas traições não seriam apenas uma maneira de o narrador condicionar o leitor a acreditar na sua versão.

De acordo com Silviano Santiago, em seu ensaio “A Retórica da Verossimilhança” (2000):

Qualquer das duas atitudes tomadas na leitura de *Dom Casmurro* (condenação ou absolvição de Capitu) trai, por parte do leitor, grande ingenuidade crítica, na medida em que ele se identifica emocionalmente (ou se simpatiza) com um dos personagens, Capitu ou Bentinho, e comodamente já se sente disposto a esquecer grande e grave proposição do livro: a consciência pensante do narrador Dom Casmurro, esse homem já sexagenário, advogado de profissão, ex-seminarista de formação, consciência pensante e vacilante, que tem necessidade de reconstruir na velhice a casa de Matacavalos onde viveu sua adolescência. (SANTIAGO, 2000, p. 29)

Alguns autores já fizeram releituras de *Dom Casmurro* com o intuito de retirar do leitor a visão unificada da obra. É o caso do livro *Memórias Póstumas de Capitu*, já citado anteriormente, em que Domínio Proença dá voz à personagem Capitu, momento em que ela conta a sua versão do romance. No prefácio do livro, Proença diz sobre sua motivação para escrever tal defesa para a personagem: “Mas tomou-me também a indignação diante do narrador e seu texto, feito de acusação e vilipêndio. Sem qualquer direito de defesa. Sem acesso ao discurso, usurpado, sutilmente, pela palavra autoritária do marido, algoz, em pele de cordeiro vitimado” (PROENÇA, 2017, p. 9).

Dessa maneira, fica evidente que um olhar descomprometido do leitor poderá levar o indivíduo a interpretações diferentes do leitor que se atentou a cada ponto descrito pelo narrador. Não existe certo ou errado nesse caso, a recepção do leitor a uma obra depende não apenas do livro ou da produção artística, mas de fatores que estão fora da obra, como princípios morais, sociais, econômicos, históricos. O ato de ler é individual, cada leitura pode levar o indivíduo a certo número de interpretações.

Um autor, ao produzir uma obra literária, deixa em aberto possíveis interpretações para a história. É o que ocorre em *Dom Casmurro*. Temos diversas interpretações sobre o possível caso amoroso entre Capitu e o seu melhor amigo, Escobar. Portanto, dependerá da visão de mundo do leitor a forma como interpretá-lo-á, a partir de seus aspectos internos, tais como as suas experiências, a sua bagagem cultural e, até mesmo, a quantidade de informações que o leitor já possui sobre a obra.

A abordagem que o autor sugere nas entrelinhas é um fator implícito, que poderá ou não ser notado pelo leitor. No caso da história de Capitu e Bentinho, existem vários capítulos em que o narrador nos sugere que a esposa é de índole inquestionável, em outros capítulos aponta alguns momentos em que pode ter ocorrido a infidelidade.

Sendo assim, vale ressaltar que a forma como é feita a leitura repercutirá no processo de recepção e interpretação. A maneira pela qual o leitor se compromete ou não com aquela leitura poderá ocasionar em interpretações diferentes do enredo apresentado. Em relação a *Dom Casmurro*, o que mais chama a atenção, além do estilo singular de seu autor, é o fato de a obra colocar o leitor em dúvida sobre a interpretação que faz daquilo que foi lido. Como bem explica o pesquisador Silviano Santiago, “o romance de Machado é antes de tudo um romance ético, onde se pede, se exige a reflexão do leitor sobre o todo” (SANTIAGO, 2000, p. 30).

Considerações Finais

Levando em consideração o que foi analisado, é possível notar que a construção dessa personagem, um símbolo enigmático na literatura brasileira, considerada uma das mulheres mais famosas do nosso cenário literário, deu-se em uma época em que as mulheres viviam reclusas e limitadas a situações como o casamento, sendo definidas apenas como esposas exemplares. Aquela que fugia da exceção poderia ser considerada dissimulada, como é o caso de Capitu.

O livro *Dom Casmurro* é composto pelo relato de um narrador masculino, Bento Santiago, que detém o poder das memórias necessárias para criá-lo. É importante observar que, em diversas passagens, a personagem Capitu se fez através das memórias dele, sendo impossível o acesso à visão da história pelo olhar dela.

Desse modo, o leitor deve se atentar para o fato de que a história possui um único lado, contado por um narrador que pode conduzi-lo a um ponto de vista comprometido, dependendo da análise que o leitor faz dos aspectos captados.

Portanto, cabe ao leitor fazer uma leitura atenta de *Dom Casmurro* para que perceba que não será possível chegar a uma conclusão sobre a traição, e

talvez nem seja a intenção da obra, talvez o que a obra realmente queira enfatizar seja a dúvida em relação ao acontecimento. Como estudado nesse artigo, Machado de Assis tinha uma visão além do seu tempo, pensava sobre literatura, mas também se preocupava com as questões da sociedade da sua época. Portanto, a forma como o romance é estruturado nos faz indagar se o autor não estaria questionando o lugar dado à mulher naquela sociedade, sabendo que, na opinião da maioria dos leitores, prevaleceria o lado masculino.

Referências bibliográficas:

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Martin Claret, 2010.

ASSIS, Machado. *Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade*. In: CANDIDO, Antonio e CASTELLO, J. Aderaldo.

ASSIS, Machado de. *A nova geração*. Rio de Janeiro, RJ: Revista Brasileira: Jornal de literatura, teatros e indústria, 1879.

BERNARDO, Gustavo. *O problema do realismo de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

COSTA, Márcia Hávila Mocci da Silva. *Estética da recepção e teoria do efeito*. Curitiba: SEED, 2009.

GUALDA, Linda Catarina. Representações do Feminismo em Dom Casmurro: O Silêncio de Capitu. In: *O Marrare*. Revista da Pós-Graduação em Literatura Portuguesa, n. 9, ano 8. Rio de Janeiro: UERJ, 2008, p. 92-103.

STEIN, Ingrid. *Figuras femininas em Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

MORICONI, Italo. Dom Casmurro: O claro enigma. *Matraga*, Rio de Janeiro, v.15, n.23, jul./dez. 2008

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. De Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

MORAIS, Juliana; FERNANDES, Renan. Hans Robert Jauss e os Portulados da Estética da Recepção: possíveis aplicações no campo da pesquisa histórica com teatro e cinema. In: *Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais*, n. 2. Iporá: UEG/UnU, 2012, p 97-114.

PROENÇA FILHO, Domicio. *Capitu: memórias póstumas*. Rio de Janeiro: Record, 2017.

SANTIAGO, Silvano. Retórica da verossimilhança. In: _____. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

VERISSIMO, José. *História da Literatura Brasileira*. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/histlitbras.pdf>. Acesso em: 10 set 2022.